

a prova de
Língua Portuguesa
da
UNESP
2001

Prova de Língua Portuguesa

Questões

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base um fragmento da silva **À Ilha de Maré**, de Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711), e o poema **Ladainha**, de Cassiano Ricardo (1895-1974).

À Ilha de Maré - Termo desta Cidade da Bahia

- Aqui se cria o peixe regalado
Com tal sustância, e gosto preparado,
Que sem tempero algum para apetite
Faz gostoso convite,
- 5 E se pode dizer em graça rara
Que a mesma natureza os temperara.
.....
- As plantas sempre nela reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do Inverno os desfavores,
- 10 Esmeraldas de Abril em seus verdores,
E delas por adorno apeteçido
Faz a divina Flora seu vestido.
As frutas se produzem copiosas,
E são tão deleitosas,
- 15 Que como junto ao mar o sítio é posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gosto.
.....
- As laranjas da terra
Poucas azedas são, antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
- 20 Que o têm clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas.
Nas que chamam da China
Grande sabor se afina,
- 25 Mais que as da Europa doces, e melhores,
E têm sempre a ventagem de maiores,
E nesta maioria,
Como maiores são, têm mais valia.
.....
- Tenho explicado as frutas e legumes,
30 Que dão a Portugal muitos ciúmes;
Tenho recopilado
O que o Brasil contém para invejado,
E para preferir a toda a terra,
Em si perfeitos quatro AA encerra.
- 35 Tem o primeiro A, nos arvoredos
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Tem o segundo A, nos ares puros
Na tempérie agradáveis e seguros;
Tem o terceiro A, nas águas frias,
- 40 Que refrescam o peito, e são sadias;
O quarto A, no açúcar deleitoso,
Que é do Mundo o regalo mais mimoso.
- São pois os quatro AA por singulares
Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de. Música do Parnasso. Rio de Janeiro: INL, 1953. Tomo I, p. 127-135.



Ladainha

Por se tratar de uma ilha deram-lhe o nome de Ilha de Vera-Cruz.

Ilha cheia de graça

Ilha cheia de pássaros

Ilha cheia de luz.

Ilha verde onde havia

mulheres morenas e nuas

anhangás a sonhar com histórias de luas

e cantos bárbaros de pajés em poracés batendo os pés.

Depois mudaram-lhe o nome

pra Terra de Santa Cruz.

Terra cheia de graça

Terra cheia de pássaros

Terra cheia de luz.

A grande Terra girassol onde havia guerreiros de tanga

e onças ruivas deitadas à sombra das árvores mosqueadas de sol.

Mas como houvesse, em abundância,

certa madeira cor de sangue cor de brasa

e como o fogo da manhã selvagem

fosse um brasido no carvão noturno da paisagem,

e como a Terra fosse de árvores vermelhas

e se houvesse mostrado assaz gentil,

deram-lhe o nome de Brasil.

Brasil cheio de graça

Brasil cheio de pássaros

Brasil cheio de luz.

RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. 12ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora — INL, 1972, p. 33.

QUESTÃO 01

Embora o nativismo, como linha de força de uma escola literária, só tenha surgido no Brasil com o Romantismo, em períodos anteriores pode ser detectado pontualmente na pena de escritores que viveram o sentimento da pátria e o expressaram de diferentes formas e sob diferentes motivações. No Modernismo, o nativismo se torna um componente plenamente desenvolvido e assumido por mais de uma corrente. De posse destas informações, releia atentamente os dois textos e, a seguir:

- explique como se manifesta o sentimento nativista de Manuel Botelho de Oliveira no trecho de **À Ilha de Maré**;*
- demonstre, com base em passagens de **Ladainha**, que Cassiano Ricardo aborda poeticamente uma fase da História do Brasil.*

RESOLUÇÃO:

- Em Manuel Botelho de Oliveira, o nativismo manifesta-se pela enumeração elogiosa de produtos nativos da terra do Brasil, tal como peixes, frutas, legumes e águas, em flagrante contraste com as correspondentes propriedades da Europa. A descrição de Botelho de Oliveira segue a tradição européia da tópica do paraíso terrestre, segundo a qual os viajantes, ao se depararem com a paisagem americana, estariam antecipando as delícias da “visão do paraíso”.
- Abordando poeticamente a fase inicial da colonização do Brasil, Cassiano Ricardo reinventa o processo de batismo da nova possessão portuguesa, que, antes de receber o nome atual, foi chamada de Ilha de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz. Além de inventariar a sucessão primitiva dos nomes, o poeta registra os motivos pelos quais eram escolhidos. No princípio, pensava-se que a terra fosse uma ilha (daí *Ilha de Vera-Cruz*); depois, descobriu-se que era parte de um continente (daí *Terra de Santa Cruz*). Finalmente, por causa da abundância do pau-brasil em suas costas, escolheram o nome de *Brasil*.

QUESTÃO 02

*A técnica de disseminação e recolha, característica do estilo barroco, aparece em **À Ilha de Maré** a partir do verso 31: consiste em alinhar palavras e descrever poeticamente seus conceitos, para recolhê-las num só verso, no final. Um exame atento desse procedimento no poema revela, todavia, certa assimetria entre a disseminação e a recolha. Analise o procedimento na passagem mencionada e responda:*

- Qual a assimetria que se observa entre o processo de disseminação e recolha utilizado pelo poeta?*
- O que levou o poeta a essa solução?*



RESOLUÇÃO:

- a) A assimetria reside em a recolha ser feita em ordem diferenciada daquela em que se apresenta a disseminação. Botelho de Oliveira enumera, na seguinte ordem, os AA maravilhosos que a Ilha de Maré encerra: “Arvoredos”, “Ares”, “Águas” e “Açúcar”. Já no verso final do fragmento não obedece, na recolha, à mesma ordem em que os disseminou: “Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares.”
- b) As razões que levaram o poeta a essa solução são de ordem formal. O verso “Arvoredos, Açúcar, Águas, Ares” é um decassílabo heróico, com pausa de intensidade na sexta sílaba. Respeita, assim, a métrica e o ritmo do resto do poema. Além disso, o verso, terminando com “Ares”, rima com o anterior, cuja última palavra é “singulares”. Essas características formais — ritmo e rima — não seriam respeitadas caso o verso reproduzisse a ordem da disseminação: “Arvoredos, Ares, Águas, Açúcar”, que, embora decassílabo, não seria heróico nem rimaria com o anterior.

QUESTÃO 03

Se lermos os dois textos sob o ponto de vista das referências que fazem à natureza brasileira, verificaremos que ambos exploram bastante o plano sensorial, embora se diferenciem pelo tipo de imagens que predominam em cada texto (visuais, auditivas, gustativas, tácteis, olfativas) e pela proporção em que surgem. Observe este aspecto nos dois poemas e, em seguida,

- a) *defina o tipo das imagens sensoriais que predominam em cada texto;*
b) *apresente um trecho de cada poema, como exemplos da resposta anterior.*

RESOLUÇÃO:

- a) No poema de Manuel Botelho de Oliveira, a natureza brasileira é descrita a partir de elementos da fauna (peixe) e da flora (plantas, frutas, laranjas). Há também uma referência ao açúcar, uma das mais importantes riquezas da colônia. Segundo o eu lírico, o gosto do peixe é tão bom, que dispensa o tempero; e as frutas são tão doces, “Que dão a Portugal muitos ciúmes”. Portanto, neste texto predominam as imagens gustativas.

Já no poema de Cassiano Ricardo, a natureza brasileira é apresentada pela luz abundante e pelas cores intensas. Destacam-se o verde das matas, a pele morena das mulheres nuas, o sol e o vermelho do pau-brasil, que deu o nome definitivo ao país. Aqui, então, no plano sensorial, avultam as imagens visuais.

- b) O predomínio de imagens gustativas no primeiro texto pode ser claramente percebido nestes versos:

“As laranjas da terra
Pouco **azedas** são, antes se encerra
Tal **doce** nestes pomos,
Que o têm clarificado nos seus gomos;”.

As imagens visuais no segundo texto são explícitas nos seguintes versos, que se referem à natureza do país, cromaticamente exuberante em vários tons de vermelho:

“Mas como houvesse, em abundância,
certa madeira **cor de sangue cor de brasa**
e como o **fogo** da manhã selvagem
fosse um **brasido** no carvão noturno da paisagem,
e como a Terra fosse de **árvores vermelhas**
e se houvesse mostrado assaz gentil,
deram-lhe o nome de Brasil.”

INSTRUÇÃO: *As questões de números 04 a 07 se baseiam no soneto **Solar Encantado**, do poeta parnasiano Vitor Silva (1865-1922), num fragmento de uma reportagem da revista **Casa Cláudia** (abril/1999) e na letra do samba **Saudosa Maloca**, de Adoniran Barbosa (1910-1982).*

Solar Encantado

*Só, dominando no alto a alpestre serrania,
Entre alcantis, e ao pé de um rio majestoso,
Dorme quedo na névoa o solar misterioso,
Encerrado no horror de uma lenda sombria.*

*Ouve-se à noite, em torno, um clamor lamentoso,
Piam aves de agouro, estruge a ventania,
E brilhando no chão por sobre a selva fria,
Correm chamas sutis de um fulgor nebuloso.*

*Dentro um luxo funéreo. O silêncio por tudo...
Apenas, alta noite, uma sombra de leve
Agita-se a tremer nas trevas de veludo...*



Ouve-se, acaso, então, vaguíssimo suspiro,
E na sala, espalhando um clarão cor de neve,
Resvala como um sopro o vulto de um vampiro.

SILVA, Vítor. In: RAMOS, P.E. da Silva. Poesia parnasiana – antologia. São Paulo: Melhoramentos, 1967, p. 245.

A Alma do Apartamento Mora na Varanda

No terraço de 128m², a família toma sol, recebe amigos para festas e curte a vista dos Jardins, em São Paulo. Os espaços generosos deste apartamento dos anos 50 recebem luz e brisa constantes graças às grandes janelas.

Os aromas desse apartamento de 445m² denunciam que ele vive os primeiros dias: o ar recende a pintura fresca. Basta apurar o olfato para também descobrir a predileção do dono da casa por charutos, lírios e velas, espalhados pelos ambientes sociais. Sobre o fundo branco do piso e dos sofás, surgem os toques de cores vivas nas paredes e nos objetos. “Percebi que a personalidade do meu cliente é forte. Não tinha nada a ver usar tons suaves”, diz Nesa César, a profissional escolhida para fazer a decoração.

Quando o dia está bonito, sair para a varanda é expor-se a um banho de sol, pois o piso claro reflete a luz. O espaço resgata um pedaço do Mediterrâneo, com móveis brancos e paredes azuis. “Parece a Grécia”, diz a filha do proprietário. Ele, um publicitário carioca que adora sol e festa, acredita que a alma do apartamento está ali.

MEDEIROS, Edson G. & PATRÍCIO, Patrícia. A alma do apartamento mora na varanda. In: Casa Cláudia. São Paulo, Editora Abril, nº 4, ano 23, abril/99, p. 69-70.

Saudosa Maloca

Se o sinhô não tá lembrado,
Dá licença de contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto
05 Era uma casa véia,
Um palacete assobradado.
Foi aqui, “seu” moço,
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
10 Mais, um dia,
— Nós nem pode se alembrá —,
Veio os homens c’as ferramentas,
O dono mandô derrubá.

Peguemos todas nossas coisas
15 E fúmos pro meio da rua
Preciá a demolição
Que tristeza que nós sentia
Cada tauba que caía
Duía no coração
20 Mato Grosso quis gritá
Mais em cima eu falei:
Os homens tá c’a razão,
Nóis arranja otro lugá.
Só se conformemos quando o Joca falô:
25 “Deus dá o frio conforme o cobertô”.
E hoje nós pega paia nas gramas do jardim
E p’ra esquecé nós cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida, dim, dim,
Donde nós passemos dias feliz de nossa vida.

BARBOSA, Adoniran. In: Demônios da Garoa – Trem das 11. CD 903179209-2, Continental-Warner Music Brasil, 1995.

QUESTÃO 04

Os três textos apresentados focalizam o tema da casa ou habitação, mas o fazem sob diferentes perspectivas econômicas, sociais, temporais e afetivas. Releia-os com atenção e, a seguir;

- indique a palavra que, em cada texto, melhor caracteriza o tipo de habitação focalizada;
- tomando por base a resposta anterior e os elementos contextuais, relacione o tipo de habitação à classe social a que pertencem ou pertenciam os respectivos moradores.

RESOLUÇÃO:

- As palavras que melhor caracterizam, em cada um dos textos, o tipo de habitação referida são: “solar”, no poema de Vítor Silva; “apartamento”, no fragmento da revista *Casa Cláudia*; e “maloca”, na letra da canção de Adoniran Barbosa.



- b) Em “Solar Encantado”, prevalece a descrição de um solar misterioso, esquecido no alto de uma serra. Como a própria palavra solar pode significar palácio, mansão, deduz-se que seus antigos moradores (note-se que agora há na sala do solar apenas “o vulto de um vampiro”) só podiam pertencer a uma classe social elevada.

Os moradores do apartamento da reportagem “A Alma do Apartamento Mora na Varanda” também pertencem a uma classe social elevada, pois têm o privilégio de tomar sol num “terraço de 128m²”, de morar nos Jardins — um dos bairros mais caros de São Paulo — e de poder passear pelos “espaços generosos” de um “apartamento de 445m²”.

Já na letra de “Saudosa Maloca”, o narrador, Mato Grosso e Joca se lembram da sua maloca construída num “palacete assobradado”. O fato de os três amigos terem sido expulsos do cortiço, afinal “O dono mandô derrubá”, indica que eles pertenciam às classes populares.

QUESTÃO 05

*Tendo em mente que Vítor Silva foi poeta parnasiano quando o Simbolismo ou Decadentismo já começava a ser exercitado em nosso país, e por isso recebeu algumas influências do novo movimento, leia o poema **Solar Encantado** e, em seguida,*

- a) mencione duas características tipicamente parnasianas do poema;
b) identifique elementos do poema que denunciam certa influência simbolista.

RESOLUÇÃO:

- a) O poema de Vítor Silva encontra-se na intersecção de propostas parnasianas e de orientações simbolistas. Assim sendo, torna-se muito difícil delimitar as características puras de cada um dos estilos presentes.

O **rigor** e a **perfeição formal** são valorizados por ambas as escolas e podem ser observados, por exemplo, nos **versos dodecassílabos**, com cesura na sexta sílaba, e na presença de **rimas ricas**. Como propensão parnasiana, esse rigor se associa à **sintaxe rebuscada** (construída por subordinação), ao **vocabulário preciosista**, que recuperam a **postura clássica**, e ao **descriptivismo plástico**, que remete à pintura, escultura ou arquitetura.

- b) Por outro lado, o mesmo rigor também se associa a uma proposta que evita a pura descrição objetiva, lançando mão de **imagens vagas**, de alto poder de **sugestão**, da **musicalidade expressiva** — revelada principalmente através das aliterações — e de estados de alma marcados pelo **senso de mistério**, como se pode observar nos versos a seguir:

Agita-se a **t**remer nas **t**revas de veludo...
Ouve-se, acaso, então, vaguíssimo **s**uspiro,

QUESTÃO 06

*A letra de **Saudosa Maloca** pode ser considerada como realização de uma “linguagem artística” do poeta, estabelecida com base na sobreposição de elementos do uso popular ao uso culto. Uma destas sobreposições é o emprego do pronome oblíquo de terceira pessoa “se” em lugar de “nos”, diferentemente do que prescreve a norma culta (o poeta emprega se conformemos em vez de nos conformamos; se alembra em vez de nos lembrar). Considerando este comentário,*

- a) descreva e exemplifique o que ocorre, na linguagem artística do compositor, com o **-r** final e com o **-lh-** medial das palavras, em relação ao uso oral culto;
b) estabeleça as diferenças que apresentam, em relação ao uso culto, as seguintes formas verbais da primeira pessoa do plural do presente do indicativo empregadas pelo compositor: “pode” (verso 11), “arranja” (verso 23) e “pega” (verso 26).

RESOLUÇÃO:

- a) Confrontada com o uso oral culto, percebe-se na linguagem do compositor:
- quanto ao — **r** final: sua sistemática supressão, independentemente da classe gramatical da palavra e da vogal que precede o **r**. Exemplos:
“contá” por contar (verso 2)
“derrubá” por derrubar (verso 13)
“sinhô” por senhor (verso 1)
“cobertô” por cobertor (verso 25)
“esquecê” por esquecer (verso 27)
 - quanto ao — **lh** medial das palavras: sua sistemática supressão pela semivogal **i**, que passa a formar ditongo com a vogal anterior. No texto temos:
“véia” por velha (verso 5)
“paia” por palha (verso 26).
- b) Em relação ao uso culto, as três formas de primeira pessoa do plural do presente do indicativo mencionadas se caracterizam pela sistemática supressão da desinência número-pessoal — **mos**. Nos três casos, o resultado é que a forma do presente do indicativo acaba coincidindo com a terceira pessoa



do singular. Isso explica por que as três formas vêm precedidas do pronome pessoal (“nóis”= nós), próprio da primeira pessoa do plural. O que temos é, pois:

- “nóis nem pode” por “nós nem podemos”;
- “nóis arranja” por “nós arranjamos”;
- “nóis pega” por “nós pegamos”.

QUESTÃO 07

Expressões como “o espírito” de uma equipe ou de um grupo, “a alma” de uma casa ou de uma empresa são bastante comuns e denotam certa subjetividade na avaliação de aspectos que, na realidade, são objetivos. Levando em conta esta informação, responda:

- a) *Que aspectos objetivos do espaço descrito levaram o proprietário a afirmar, a respeito da varanda, que “a alma do apartamento está ali”?*
- b) *A que característica física do apartamento se referem os repórteres, ao empregarem o vocábulo “generosos”?*

RESOLUÇÃO:

- a) O proprietário afirma que a alma do apartamento está na varanda pelo fato de esta ser grande, espaçosa (“No terraço de 128m²...”), permitindo que a família entre em contato com a natureza (“a família toma sol”; “sair para a varanda é expor-se a um banho de sol”), com a sociedade (“recebe amigos para a festa”) e com a cultura (“‘Parece a Grécia’, diz a filha do proprietário”).
- b) Ao empregarem o vocábulo “generosos”, os repórteres estão se referindo à grande extensão espacial que caracteriza os cômodos do apartamento.

INSTRUÇÃO: *As questões de números 08 a 10 se referem a uma passagem do romance **Eurico, o Presbítero**, do romântico português Alexandre Herculano (1810-1877), e a uma passagem do romance **O Missionário**, do escritor naturalista brasileiro Inglês de Sousa (1853-1918).*

Eurico, o Presbítero

Os raios derradeiros do sol desapareceram: o clarão avermelhado da tarde vai quase vencido pelo grande vulto da noite, que se alevanta do lado de Septum. Nesse chão tenebroso do oriente a tua imagem serena e luminosa surge a meus olhos, ó Hermengarda, semelhante à aparição do anjo da esperança nas trevas do condenado.

E essa imagem é pura e sorri; orna-lhe a fronte a coroa das virgens; sobe-lhe ao rosto a vermelhidão do pudor; o amículo alvíssimo da inocência, flutuando-lhe em volta dos membros, esconde-lhe as formas divinas, fazendo-as, porventura, suspeitar menos belas que a realidade.

É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites de atroz saudade: mas, em sonhos ou desenhada no vapor do crepúsculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação indecifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martírio.

Não eras tu emanação e reflexo do céu? Por que não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abismo do meu amor? Verias que esse amor do poeta é maior que o de nenhum homem; porque é imenso, como o ideal, que ele compreende; eterno, como o seu nome, que nunca perece.

Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no santuário do meu coração, enquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor. Qual era o melhor dos dois templos? Foi depois que o teu desabou, que eu me acolhi ao outro para sempre.

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a Cruz ensangüentada do Calvário; quando a mão inexorável do sacerdócio soldou a cadeia da minha vida às lájeas frias da igreja; quando o primeiro passo além do limiar desta será a perdição eterna?

Mas, ai de mim! essa imagem que parece sorrir-me nas solidões do espaço está estampada unicamente na minha alma e reflete-se no céu do oriente através destes olhos perturbados pela febre da loucura, que lhes queimou as lágrimas.

HERCULANO, Alexandre. Eurico, o presbítero. Edição crítica, dirigida e prefaciada por Vitorino Nemésio. 41ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.], p. 42-43.

O Missionário

Entregara-se, corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro de Moraes, o devasso fazendeiro do Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista



acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio de Moraes viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar; sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdotio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir.

Esquecera o seu caráter sacerdotal, a sua missão e a reputação do seu nome, para mergulhar-se nas ardentes sensualidades dum amor físico, porque a formosa Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos seus frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais, assombro dos sertões de Guaranatuba.

SOUSA, Inglês de. O missionário. São Paulo: Ática, 1987, p. 198.

QUESTÃO 08

A visão que o amante tem de sua amada constitui um dos temas eternos da Literatura. Uma leitura comparativa dos dois fragmentos apresentados, que exploram tal tema, nos revela dois perfis bastante distintos de mulher. Considerando esta informação,

- aponte a diferença que há entre Hermengarda e Clarinha, no que diz respeito ao predomínio dos traços físicos sobre os espirituais, ou vice-versa, segundo as visões de seus respectivos amantes;
- justifique as diferenças com base nos fundamentos do estilo de época em que se enquadra cada romance.

RESOLUÇÃO:

- Na caracterização de Hermengarda predominam os traços espirituais, na de Clarinha notam-se exclusivamente traços físicos.

Para Eurico, Hermengarda não é “mais do que uma imagem celestial”, sua pureza é associada à de um anjo. A dimensão espiritual superpõe-se à aparência física, recobrando e disfarçando a beleza: o véu da inocência “esconde-lhe as formas divinas”.

Já de Clarinha o narrador mostra somente os atrativos da beleza física — “frescos lábios vermelhos”, “formas esculturais”—, pois “Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos”, ou seja, a personagem é apresentada como desprovida de vida espiritual, como pura materialidade carnal.

- O Romantismo propende à idealização e à subjetividade, tal como se pode observar no retrato de Hermengarda, transfigurado pelas emoções que agitam a vida moral do protagonista. A imagem da amada, assim, configura-se como uma projeção do imaginário de Eurico, de acordo com seus sentimentos exacerbados.

O Realismo-Naturalismo, por sua vez, busca representar a realidade com base na observação objetiva, segundo os pressupostos do cientificismo materialista do século XIX. Dessa forma, o narrador onisciente de *O Missionário* atribui a visão sensual que o protagonista tem de Clarinha à “ação determinante da hereditariedade psicofisiológica” e às injunções do meio físico e social, que, segundo o determinismo de Taine, são elementos condicionantes da vida. O meio e a raça provocariam a degradação moral do protagonista, que sucumbe aos apelos da sexualidade.

QUESTÃO 09

Em cada fragmento apresentado encontramos o protagonista envolvido por fortes sentimentos de amor e de fé religiosa. Com base nesta observação,

- descreva o que há de comum nas reações dos dois religiosos ao viverem tais sentimentos;
- explique as razões pelas quais, no quinto parágrafo do texto de Herculano, a personagem se refere a dois templos.

RESOLUÇÃO:

- Os dois religiosos encontram-se em crise, entre as censuras do espírito (fé religiosa) e os apelos do coração (amor físico). A fé é entrave à realização amorosa — em ambos os casos, o amor carnal é visto como “perdição”, “tentação demoníaca”.
- Os dois templos a que a personagem se refere são o do desejo carnal, o “santuário do coração” em que adorava Hermengarda, e o da fé religiosa, em cujos altares orava ao Senhor. Assim, a personagem revela sua crise entre o amor físico e a fé, acolhendo-se ao último templo depois que o primeiro desabou.



QUESTÃO 10

A leitura dos dois textos detecta a presença de certos recursos estilísticos, como por exemplo o da anáfora, que consiste na repetição de um mesmo vocábulo ou locução no início de duas ou mais orações ou frases seguidas. Releia ambos os textos e, a seguir;

- a) apresente um exemplo, extraído de qualquer dos dois textos, em que se revele o recurso da anáfora;
b) aponte o efeito expressivo mais relevante, patente nesse exemplo, do emprego da anáfora.

RESOLUÇÃO:

- a) A anáfora vem ilustrada nos seguintes trechos:

“...**quando** entre mim e ti está a Cruz ensangüentada (...), **quando** a mão inexorável (...);
quando o primeiro passo...”

(*Eurico, o Presbítero*)

“...**sem** moral, **sem** educação (...), **sem** a coação da opinião (...), **sem** a disciplina duma autoridade espiritual (...) **sem** estímulos e **sem** apoio...”

(*O Missionário*)

- b) Em *Eurico, o Presbítero*, a reiteração da conjunção *quando* é um recurso retórico usado para produzir ênfase. O efeito expressivo criado por essa figura é o de dar realce à quantidade de fatores que se interpõem à relação amorosa. Em *O Missionário*, temos o mesmo recurso, enfatizando o número de fatores que poderiam funcionar como inibidores do ímpeto sexual.



Prova de Língua Portuguesa

Redação

INSTRUÇÃO:

Exames vestibulares — Vestibulares em duas fases — Vestibulares em fase única — Vestibulares em questões discursivas — Vestibulares em testes de múltipla escolha — Vestibulares unificados — Vestibulares seriados — Seleção por análise do histórico escolar do candidato nos ensinos fundamental e médio — Seleção com base no ENEM — Reserva de vagas para alunos da escola pública — Sorteio de vagas — Ingresso de mais candidatos nas universidades em núcleos comuns.

Temas como estes são debatidos com certa frequência na imprensa. Algumas pessoas dizem que os exames vestibulares são injustos e que não medem com precisão o conhecimento dos candidatos. Outras afirmam o contrário: os exames vestibulares das principais universidades do país são, no momento, os mais adequados instrumentos de avaliação e de seleção dos candidatos.

Alguns políticos sugerem que o acesso às universidades seja feito por análise de currículo, isto é, do rendimento do candidato ao longo da Escola Fundamental e Média. Outros, julgando que isso beneficiaria os alunos de escolas particulares, pleiteiam reserva de 30, 40, ou até 50 por cento de vagas nas universidades públicas para alunos das escolas públicas, único modo de evitar a injustiça social; mas há quem afirme que tal reserva também seria uma forma de injustiça, pois não premiaria o mérito, o esforço e o conhecimento dos estudantes e, além disso, esconderia o verdadeiro problema, que é a baixa qualidade do ensino nas escolas públicas.

O ENEM — Exame Nacional do Ensino Médio, que busca verificar, por meio de uma redação e de 63 questões de múltipla escolha, se o estudante assumiu determinadas habilidades e competências durante o ensino médio, é por vezes apresentado como um possível substituto dos exames vestibulares. Alguns professores, todavia, não concordam com essa idéia, por entender que o Exame Nacional não verifica o que é, de fato, ensinado, e que as questões de múltipla escolha não são o melhor instrumento de avaliação. Lembram também que um só exame para selecionar os vestibulandos de todo o País seria operacionalmente inviável e sujeito a erros e distorções.

Já houve quem sugerisse, na década de 70, que as universidades públicas efetuassem um sorteio de suas vagas, como forma de atingir todos os estratos sociais; já se sugeriu, também, que as universidades deveriam unificar seus exames vestibulares, pois isto pouparia esforços e gastos dos candidatos e de suas famílias, mas alguns analistas lembraram que tal unificação prejudicaria a liberdade dos candidatos de optar e concorrer apenas aos cursos e vagas das universidades que preferissem.

As fundações e comissões elaboradoras e aplicadoras de exames vestibulares das universidades públicas, por outro lado, declaram que incentivam permanentemente estudos e pesquisas, cujo resultado tem sido o aperfeiçoamento progressivo de suas provas como instrumentos de avaliação e de seleção.

Enquanto professores, educadores, especialistas, jornalistas, diretores de escolas e de cursos pré-vestibulares, reitores e autoridades educacionais sempre são consultados a respeito de tais temas e continuam alimentando a polêmica, só raramente se pergunta a um dos maiores interessados na questão, que é o próprio candidato. Neste ano, marcado por reflexões sobre os principais problemas brasileiros, é bastante oportuno perguntar a você, vestibulando, o que pensa dos exames vestibulares e dos diferentes modos propostos ou já tentados para substituí-los. Seria para melhor? Para pior? Dever-se-ia acabar com os vestibulares ou aperfeiçoá-los? Você vê outras soluções para este problema, que tem mais de 80 anos?

Releia com atenção este texto e, a seguir, escreva uma redação, de gênero dissertativo, sobre o tema:

OS EXAMES VESTIBULARES E O ACESSO À UNIVERSIDADE.



Análise da Prova

A proposta apresenta, no início, uma série de temas contendo problemas totais ou parciais que a “instituição” vestibular comporta e que acusam outros problemas decorrentes do sistema brasileiro como um todo e, especificamente, do sistema educacional.

Isolados ou agrupados, eles podem servir de ponto de partida para análise, segundo os objetivos do enunciador.

Possíveis idéias a serem transformadas em argumentos, em função do ponto de vista assumido:

- O vestibular é um instrumento de avaliação que perpetua injustiças: os mais abastados têm acesso às universidades públicas; os menos, às universidades particulares — repete-se com ele o esquema de relações da sociedade de que faz parte.
- O vestibular é o mais eficiente meio para se avaliar a capacidade do candidato, uma vez que os ensinos fundamental e médio, apesar das mudanças sofridas, ainda padecem da falta de qualidade.
- A análise do currículo revelador do rendimento escolar, como meio de acesso à universidade, constitui outro elemento de injustiça social, pois beneficia os que podem pagar melhores escolas.
- Tanto a reserva de vagas aos alunos provenientes de escola pública como o sorteio das mesmas constituem meios para se perpetuar a injustiça, pois tais instrumentos não avaliam a capacidade de quem pleiteia uma vaga no ensino superior.
- Considerar o ENEM como um possível substituto dos atuais vestibulares significa desconsiderar a diversidade de ensino no Brasil e a incipiência da prova (embora seja bem intencionada, ela ainda apresenta sérios problemas quanto à seleção dos conteúdos e à forma com que afere os conhecimentos).
- Apesar de suscitar opiniões contraditórias, o vestibular ainda é o instrumento mais competente de avaliação da capacidade do candidato (principalmente os exames de escolas públicas, que investem em estudos e pesquisas) e nas últimas décadas tem ditado modelos de ensino e garantido, com isso, um nível de educação satisfatório.
- O candidato não deveria esquecer que ele é convidado a participar desse debate, acrescentando de seu universo cultural idéias reveladoras de quem faz parte do processo e o questiona.



Comentário

Língua Portuguesa

A parte de gramática e texto desta prova mantém a marca da VUNESP: questões elaboradas com rigor e clareza, baseadas em uma concepção correta e atualizada de ensino de Português.

O resultado é uma avaliação criteriosa, de alto padrão, realizada com profissionalismo por pessoas que dão todas as demonstrações de envolvimento com o seu trabalho e segurança em suas posições.

Talvez o único flanco exposto a críticas seja um certo exagero na extensão dos textos, levando-se em conta o tempo disponível para resolver as questões.

Se isso é defeito, não chega a deslustrar o brilho da Banca nem a prejudicar a imagem da instituição que encomendou a prova.

As questões de literatura foram muito bem elaboradas, tanto do ponto de vista da escolha de tópicos quanto da formulação. Em ambos os casos, houve bom gosto e discernimento. O ponto alto é a escolha de textos, que foram abordados em dupla perspectiva: em seus componentes intratextuais e em suas relações intertextuais.

Na exploração dos aspectos intratextuais, valorizou-se a capacidade de perceber o processo de geração do sentido artístico, privilegiando os aspectos estilísticos de cada autor e suas conexões com o estilo de época.

Na indagação das relações intertextuais, as questões foram elaboradas de modo que o candidato tivesse oportunidade de demonstrar capacidade de observação tanto de mudança quanto de permanência de temas, de formas e conceitos ao longo do tempo.

Redação

“Neste ano, marcado por reflexões sobre os principais problemas brasileiros, é bastante oportuno...”

Tomamos de empréstimo uma das afirmações da proposta de redação para utilizá-la como mote de nosso comentário.

Bastante oportunos o tema apresentado e o texto introdutório, pois são elogiáveis as propostas de redação que exigem um posicionamento crítico-analítico do candidato sobre uma polêmica, mas que fundamentem sua proposição num texto de fácil leitura.

Esse é o formato presente: vestibulandos convidados a se manifestar por escrito, por meio de uma dissertação, sobre o próprio vestibular. Para tanto, têm como ponto de partida um texto de agradável leitura, panorâmico, pertinente, não-tendencioso.

Bastante oportuno o estímulo ao espírito ético do jovem brasileiro, convidado a analisar o sistema educacional de nosso país, do qual o vestibular é apenas um apêndice.

Bastante oportuna, por fim, a ousadia de uma instituição de vestibular por colocar em debate o “próprio vestibular”, destacando que a opinião mais importante é a do candidato que busca acesso às universidades — opinião nem sempre ouvida ou considerada. Não há como contestar a afirmação de que a hora, a melhor oportunidade, é esta.

